

A queixa de uma dama: Marie de Gournay toma a palavra

Telma de Souza Birchal

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

ORCID:

Resumo: O foco do artigo é o pequeno ensaio *Queixa das Damas*, de Marie de Gournay, analisado em continuidade com os fundamentos expostos em seu livro anterior, *Igualdade dos Homens e das Mulheres*, e tendo como pano de fundo o capítulo “Da arte de debater” (“De l’art de conférer”), dos *Ensaios* de Montaigne. O objetivo central é identificar a originalidade da contribuição de Gournay à crítica à condução dos debates, na medida em que ela reivindica que mulheres sejam reconhecidas como interlocutoras e identifica as estratégias escusas dos homens para vencê-las numa disputa. A recepção da obra de Gournay, assim como sua tese de que as diferenças entre os sexos são moralmente irrelevantes, também são tratadas aqui.

Palavras-chave: Marie de Gournay, Michel de Montaigne, “conférence”, igualdade, tolice, sabedoria.

Abstract: The focus of this article is the short essay *The Ladies’ Complaint*, by Marie de Gournay, analyzed in continuity with the foundations set out in her previous book, *Equality of Men and Women*, and having as a background the chapter “On the art of discussion” (“De l’art de conférer”), from Montaigne’s *Essays*. The main objective is to identify the originality of Gournay’s contribution to the critique of the way debates are conducted, insofar as she demands women to be recognized as interlocutors and identifies men’s underhanded strategies against them in for winning a dispute. The reception of Gournay’s work, as well as her thesis that differences between the sexes are morally irrelevant, are also discussed here.

Keywords: Marie de Gournay, Michel de Montaigne, “conférence”, equality, foolishness, wisdom.

A vasta obra de Marie le Jars de Gournay (1565- 1645) é um exemplo de apagamento na história da filosofia: tendo um sucesso significativo em seu contexto imediato, entre 1595 até as primeiras décadas do século XVII, sua obra autoral é rapidamente esquecida nos séculos seguintes. Já seu trabalho editorial sobre os *Ensaios* de Montaigne repercutiu até o século XIX, tendo sido então em parte ofuscado por outras edições preparadas a partir do chamado Exemplar de Bordeaux, redescoberto em 1772. A história das edições póstumas dos *Ensaios* atesta tanto a importância de Gournay na preservação e difusão do texto, quanto os preconceitos que incidiram sobre seu trabalho pelo simples fato de ser mulher.¹ No século XX, Marie de Gournay é redescoberta no contexto do movimento feminista de recuperação de obras de mulheres escritoras, ganhando importância e merecendo finalmente uma edição crítica de

¹ Sobre o trabalho editorial de Marie de Gournay, ver especialmente Millet, O., 1996 e Desan, Ph.,1997.

sua expressiva obra completa, publicada na França em 2002.² Uma ironia, pois certamente ela não gostaria de ser lida “como mulher”.

Em 1626, ao reunir suas publicações anteriores, pela primeira, vez em um único volume, intitulado *L’Ombre de la Damoiselle de Gournay* (*A sombra da senhorita de Gournay*), ela lhe acrescenta outros escritos, entre eles o veemente, irônico e direto *Grief des Dames* (*Queixa das Damas*³). O termo “*grief*” deve ser entendido como uma denúncia, ou uma queixa, no sentido judicial, contra os danos ou injustiças praticados contra as mulheres que pretendem adentrar o mundo intelectual, sobretudo o ambiente dos debates de ideias. Sem esconder sua fúria e sem perder o estilo, ela denuncia as estratégias masculinas para silenciar aquelas que pretendem expor suas opiniões e seus conhecimentos. Mais precisamente, Gournay descreve as manobras dos “vulgares” para vencer, num confronto de ideias, mulheres intelectualmente superiores a eles. O sucesso de suas manobras é garantido porque lhes é dado esconder incapacidades intelectuais e fraquezas morais sob a não questionada superioridade masculina.

Quando publica sua *Queixa*, Marie de Gournay já tem um nome no mundo intelectual francês: cerca de 30 anos antes, em 1595, ela fizera sua estreia como editora póstuma dos *Ensaios* de Montaigne, apresentando-se então como sua “*fille d’alliance*” ou filha adotiva. Na mesma ocasião ela publica, de sua autoria, o *Promenoir de Monsieur de Montaigne* (*Passeio com o Sr. de Montaigne*), um conjunto de escritos formado por uma narrativa de ficcional, a tradução do livro II da *Eneida* e 65 poemas de sua autoria. A partir daí sua obra se desenvolve e multiplica, tendo um acolhimento expressivo a se julgar, por exemplo, pelo número de reedições do *Promenoir*, pelo reconhecimento de seu valor por intelectuais importantes como Justus Lipsius e Etienne de Pasquier e por sua atuação como intelectual da corte. Ela recebeu pensões reais por seu trabalho de escrita nas cortes de Margarida de Valois, Maria de Médicis e de Luís XIII, assim como do Cardeal Richelieu. Junto com isso vieram também difamações e desprezo por parte de muitos.

Marie de Gournay construiu para si mesma, insistente, o destino improvável de uma “mulher de letras”. Oriunda da pequena nobreza francesa, sua família enfrentou grandes problemas financeiros a partir da morte do pai, quando ela tinha apenas 12 anos. Desde cedo Gournay manifestou interesse pela cultura humanista, mas, como a maior parte das mulheres de sua época, não recebeu educação para além do muito básico. Aprendeu o latim como

² Gournay. *Oeuvres Complètes*, 2002a. A partir daqui referido como OC.

³ Manteremos “Damas” em maiúsculas, pois se trata de título de nobreza.

autodidata, nos livros de seus irmãos. A leitura dos *Ensaios* de Michel de Montaigne, quando tinha 19 anos, e seu encontro com o autor em 1588 marcam definitivamente sua vida e sua obra. A jovem se apresentou a ele em Paris e, logo em seguida, ele se hospeda, levando seu livro, no castelo da família de Gournay, na Picardia, por algumas semanas. Essa breve mas intensa convivência com Michel de Montaigne fez dela a editora póstuma da obra do ensaísta. Logo após a morte do autor dos *Ensaios*, em 1592, ela recebe da viúva exemplares cobertos de anotações manuscritas e a incumbência de cuidar de uma nova edição, ampliada, da obra. Gournay nunca quis se casar e, em 1595, deixa o castelo na Picardia, instalando-se definitivamente em Paris, numa pequena casa da família, para realizar seu projeto de tornar-se uma autora. Editora, tradutora, poeta, polemista e filósofa, ela vai se sustentar de sua escrita, contando com as modestas pensões que recebe como intelectual da corte. Em 1645, morre com a idade de 80 anos, em Paris, pobre, cercada de amigos, numa pequena casa alugada onde promovia seus encontros literários.

Gournay deixa uma obra autoral volumosa que trata dos mais variados assuntos: da religião à política, incluindo a educação dos príncipes; da prática da calúnia às discussões sobre a língua francesa, passando por uma apreciação da poesia; das virtudes e vícios à crítica dos duelos, passando pela condição dos nobres; da condição das mulheres ao seu autorretrato, passando pela arrogância dos homens. Tudo é assunto para sua pena rigorosa e apaixonada, atenta e irônica, comprometida e ferina. Católica, ela se envolve nas discussões religiosas e políticas e tende um tanto perigosamente para a facção extremista católica (Liga); mulher de letras, amante dos poetas da Pléiade, ela é chamada a opinar sobre a reforma da língua francesa junto aos integrantes da recém-criada Academia Francesa (formada apenas por homens, naturalmente), não sem provocar muitos incômodos, sobretudo para si mesma, ao defender posições consideradas antiquadas; escritora e polemista, ela defende o direito de pessoas “que não portam barba” de participar da vida pública em todas as suas dimensões. Gournay tinha, nas palavras de Philippe Desan, um “temperamento demonstrativo” e “nada diplomático” (2014, p. 506), o que, sobretudo por ser mulher, não lhe facilitou a vida. Mas, sem dúvida, ela não procurava facilidades. Anna Lia Franchetti (2006, p. 11) lhe atribui o título de “heroína da imprudência” porque “não aceitou nem máscara nem véu” e escreveu com liberdade. Gournay ataca sem meias palavras tudo o que é para ela é inaceitável e, sobretudo, a *vulgaridade* dos que seguem o senso comum por ignorância ou por conveniência, recusando-se a se instruir e a pensar por si mesmos. Levando em conta sua obra como um todo, o nome de Marie de Gournay pode, com justiça, constar entre os dos grandes moralistas franceses do século XVII.

Gournay foi reconhecida em seu tempo, mas não sem ambiguidade: celebrada por uns e vilipendiada muitos, a sociedade na qual viveu a presenteou com apelidos ofensivos e sexistas como o de “virgem velha” (*vieille pucelle*), “bruxa”, “mulher pedante” (*bas bleu*), ridicularizando a figura da “mulher erudita”. Mulheres e homens lhe armaram verdadeiras ciladas. Em 1616 ela foi enganada e convencida de que o rei James I, da Inglaterra, lhe tinha encomendado sua biografia, e ela então lhe dedica a *Representação da Vida da Damoiselle de Gournay*. Tirando finalmente proveito da situação, a já idosa escritora publica a autobiografia na última edição de suas obras, em 1641. Foi especialmente ridicularizada como personagem na *Comédia dos Acadêmicos*, que teve como alvo os integrantes da recém-criada Academia Francesa. Não é de se espantar que uma de suas obras mais ácidas se denomine *Grief des Dames*. Embora, em português, se traduza “grief” por “queixa”, que é um de seus sentidos, o que se expressa na obra não tem o tom de um lamento, mas – e vale a pena insistir nisso – de uma acusação ou um processo judicial contra injustiças sofridas por mulheres intelectualmente preparadas numa sociedade em que a desigualdade entre os sexos impera.

Os escritos feministas de Gournay

Grief des Dames, publicado em 1626, é um texto de maturidade no qual, ao discorrer sobre as dificuldades encontradas pelas mulheres que se arriscam a debater num salão ou outro ambiente, a autora faz um amálgama entre uma crítica de costumes e sua experiência pessoal, temperado por uma notável erudição. Junto com *Da Igualdade dos Homens e das Mulheres* (1622), ele integra o conjunto que, na obra de Gournay, trata especificamente da situação de inferioridade, de alienação e de sujeição na qual mulheres são mantidas em sua sociedade e pode ser qualificado como “feminista” ou mais exatamente, “protofeminista”. No entanto, mesmo que apenas esses dois livros, numa obra extensa, tenham inequivocamente esse caráter, já em obras anteriores ela critica, de modo incidental ou como digressão, a condição das mulheres. Tanto é assim que ambos os livros, *Igualdade e Queixa*, desenvolvem trechos presentes em obras mais antigas, como se a reflexão acumulada pela autora buscassem sua expressão mais acabada.⁴ No caso de

⁴ Richard Hillman observa com razão que, se os escritos ditos “feministas” de Gournay são tardios e constituem uma pequena parte de sua vasta obra; não obstante eles articulam, com coerência, ideias estruturantes presentes em várias livros ou opúsculos. (Hillman, 2002, p. 69).

Queixa das Damas, o opúsculo se inicia retomando uma veemente passagem recortada do *Prefácio Longo*, de 1595, aos *Ensaios* de Montaigne:

“Bem-aventurado és tu, leitor, se não és desse sexo ao qual se proíbem todos os bens ao privá-lo da liberdade, e também de quase todas as virtudes, ao subtrair-lhe os cargos, os ofícios e as funções públicas, em uma palavra, tirando dele o poder, na moderação do qual a maior parte das virtudes se formam, a fim de lhe constituir por única felicidade, por virtudes soberanas e únicas, a ignorância, a servidão e a possibilidade de fazer o papel de bobo se esse jogo lhe agrada. Bem-aventurado, novamente, quem pode ser sábio sem crime, sua qualidade de homem concedendo-te, ao mesmo tempo que proíbe às mulheres, toda ação de alto desígnio, todo julgamento sublime e toda palavra ou especulação refinada (*exquise*)”. (Gournay, *OC*, p. 1074-1075).⁵

Aqui ressoam os ecos da ética de Aristóteles, segundo a qual a virtude está fundamentalmente ligada à ação. Gournay se recusa a propor, para as mulheres, uma referência de virtude diferente da que serve para os homens, pois, também para elas, a excelência moral estaria vinculada ao poder de agir. Já o pensamento dominante de seu tempo recomendava ao sexo feminino atitudes passivas como a ignorância, a obediência, a modéstia e mesmo o silêncio (tidos como virtudes guardiãs frente ao perigo do desregramento ou da malícia). O breve ensaio *Queixa das Damas* é sobretudo uma defesa de que a elas seja restituído o poder de falar. Do contrário, como poderiam dar provas de sua competência intelectual se, de saída, são excluídas das situações em que ocorrem os debates? Ou, quando se neles permanecem, lhes é destinado um papel subordinado ou decorativo? Se se esperava das damas na corte um certo refinamento literário e linguístico, a arte da retórica lhes era proibida, não apenas por ser desnecessária a seres destinados a permanecer na esfera privada e a agradar – daí que sua fala deve tomar a forma de uma conversa amena e doce –, mas, também, por ser perigosa. É um lugar comum na modernidade nascente que a prática da retórica contraria a “modéstia natural”⁶ das mulheres e pode despertar paixões como a vaidade e o orgulho, às quais suas frágeis disposições morais dificilmente poderiam se opor. Além disso, a exposição pública de uma dama pode ser ocasião de tentação, ao eventualmente despertar o desejo dos homens. Estes e outros motivos

⁵ A tradução para o português é nossa, mas foi consultada a tradução de Mesquita e Tremblay-Villao, 2018.

⁶ Lemos em Jean Bodin: “A lei proíbe à mulher todos os cargos e ofícios próprios aos homens como julgar, postular – não somente por falta de prudência – mas porque as ações viris são contrárias ao sexo e ao pudor e modéstia femininas” (*Six Livres de la République*, 1576, livro VI, cap. 5, p. 718, *apud* Offen, K. M., 2017, p. 60. tradução nossa). Montaigne também não tem dúvidas a esse respeito: “Se as bem-nascidas acreditarem em mim, contentar-se-ão em fazer valer suas belezas próprias e naturais. [...] Quando as vejo presas à retórica e à judiciária e semelhantes ninharias tão vãs e inúteis para suas necessidades [...]. (*Ensaios*, III, 3, 54). Ver ainda Gibson, J. 1989, p. 12-13.

sustentavam a opinião de que mulheres devem, senão se abster de falar, restringir o âmbito de seus discursos.

Antes de continuar a análise mais detida desse pequeno ensaio polêmico, é preciso abrir um parêntese para expor, sucintamente, os principais pontos de *Igualdade dos Homens e das Mulheres*, publicado em 1622, quatro anos antes de *Queixa*. Nele Gournay se dedica, de modo sistemático, a defender a dignidade das mulheres e sua igualdade em relação aos homens, e o faz com base nos testemunhos de três tipos de autoridade: os sábios da antiguidade, alguns autores de seu tempo e os escritos sagrados (os santos padres e a própria Bíblia). Nessas fontes reconhecidas pelo humanismo renascentista, ela busca apoio para fundamentar não apenas que mulheres e homens têm *o mesmo estatuto moral*, mas também de que *mulheres são capazes e competentes para executar todas as atividades*, de mestras em escolas filosóficas a comandantes de exércitos; de rainhas ou integrantes de conselhos políticos a sacerdotisas ou profetizas investidas de autoridade divina. Sábios do passado e do presente, assim como as Escrituras e seus intérpretes são as testemunhas que atestam, contra o que diz o senso comum, a igualdade entre homens e mulheres.

Das fontes filosóficas e literárias da antiguidade ela retoma ideia da superioridade da alma sobre o corpo e a compreensão do ser humano como definido essencialmente por sua razão. Ora, segundo ela, os maiores pensadores afirmam que a dignidade do ser humano está em sua racionalidade, não em seu aspecto corporal e, mais do que isso, entendem o corpo como irrelevante moralmente. Uma prova disso é que um animal, por mais forte que seja, não é considerado moralmente superior a um homem. Ela exige, portanto, que as diferenças corpóreas entre homens e mulheres também sejam lidas nesta chave, ao contrário do que faz o vulgo, que confere dignidade (e racionalidade e liberdade e virtudes) a um ser humano pelo fato de ele “portar uma barba”. Em outras palavras, a definição do humano pelo racional, afirmada pela filosofia e pela religião, é negada pelo senso comum, num processo tortuoso no qual os homens acabam sendo definidos pela razão (depois de a razão ser assimilada à barba), enquanto mulheres o são por seu corpo, o que lhes determina um lugar de subordinação na sociedade.

Também nos textos sagrados se encontra o reconhecimento da dignidade das mulheres e de sua igualdade em relação aos homens. Numa passagem em que analisa o livro de Gênesis e alguns de seus intérpretes, Gournay conclui que, do ponto de vista da criação, as diferenças sexuais têm um propósito meramente pragmático, restrito ao aspecto reprodutivo ou animal dos seres humanos e, portanto, sem nenhum significado moral, racional ou teológico.

Ela assim resume o resultado de sua extensa pesquisa:

“(...) o animal humano não é homem nem mulher; se bem entendido, os sexos sendo feitos de maneira diferente apenas visando à propagação da espécie. A única forma e diferença deste animal está na alma racional” (Gournay, OC, p.978).

Homens e mulheres são iguais (e igualmente diferente dos animais) por compartilharem uma mesma alma, a qual nada tem a ver com os corpos. Embora referido sobretudo a textos da antiguidade, o pensamento de Gournay anuncia o dualismo cartesiano ao pensar alma e corpo como entidades independentes e ao conceber esse último de forma instrumental ou pragmática. Nesse quadro em que características corpóreas são substancialmente irrelevantes para o que é essencial numa pessoa, ela elabora *uma genealogia da desigualdade entre os sexos*, descrevendo a situação atual de dominação e inferioridade das mulheres como resultante de um processo de usurpação da dignidade feminina por parte dos homens, cujo sucesso se deu simplesmente por serem eles os mais fortes em termos físicos. Há nesse texto um importante esboço de um *discurso sobre a origem da desigualdade entre homens e mulheres*, que mostra que a pretensa superioridade moral masculina se assenta em uma base imoral e arbitrária.

É fundamental observar que seu ataque à misoginia não se dirige a todos os homens, mas apenas a uma parte deles (de fato, a maioria), denominada de “vulgares” ou “tolos”, entre outros qualificativos. Aliás, o grupo dos vulgares abriga indistintamente os dois sexos pois o mundo de Gournay não se divide entre homens e mulheres, nem entre nobres e plebeus ou entre santos e pecadores, mas, sim, entre sábios e tolos, entre excepcionais e comuns, entre *habiles* e *malhabiles* (capazes e incapazes). Isabelle Krier (2023, p. 95) define seu pensamento como “uma filosofia das igualdades”, fundada simplesmente no mérito. É entre homens sábios, portanto, que ela encontra seus aliados na defesa da causa das mulheres em *Da igualdade*.

A abordagem de Gournay é, em contraste com as praticadas em seu tempo, bastante original. Não se trata de exaltar o gênero feminino, conferindo-lhe qualquer superioridade sobre o masculino, como alguns autores, a exemplo de Cornélio Agrippa, pretendiam fazer.⁷ Ela não cai na armadilha de opor ao rebaixamento – figurado, por exemplo, pela roca de fiar (*a quenouille*)⁸ – as formas usuais de elevação do sexo feminino, seja ao modo dos romances, seja ao modo do discurso religioso, que acentuam e celebram características como pureza, castidade, lealdade ou

⁷ Não obstante, ela utiliza seletivamente Agrippa, assim como outros autores a ele similares, como fonte para muitos de seus exemplos ou comentários.

⁸ Símbolo da limitação das mulheres à vida privada, muito presente em escritoras do Renascimento.

sacrifício para glorificar e distinguir as mulheres. A filósofa declara não reivindicar nada mais que a *igualdade* entre os sexos, ancorada nas ideias de *unidade racional* da espécie humana e de *dignidade moral* compartilhada.

Queixa das Damas

Diferentemente da *Igualdade*, que tem um caráter argumentativo e abstrato, combinado com referências eruditas, *Queixa das Damas* tem a forma de uma interpelação direta ao leitor – o “bem-aventurado” que não nasceu mulher – e ancora-se em vivências em primeira pessoa. É um texto curto, de algumas poucas páginas. Ao abrir seu processo contra “o tratamento injusto recebido pelas mulheres que pretendem participar de debates”, ela acrescenta: “eu sei disso por experiência própria” (Gournay, OC, p.1075). Qualificativos como “sátira”, “explosão de raiva” e outros foram usados para qualificar o ácido, mas saboroso, estilo da autora neste ensaio (Hillman, 2002, p. 97). É importante ressaltar a precisão da pintura do contexto social, assim como a riqueza das análises psicológicas em *Queixa das Damas*, de um minimalismo temperado com uma aguda ironia.

No entanto, *Queixa das Damas* supõe o quadro teórico exposto em *Da Igualdade*. Se, como se viu, as diferenças entre os sexos são irrelevantes em geral, isso deveria ser ainda mais evidente em questões diretamente ligadas ao intelecto. Num mundo dominado por tolos e não por sábios, porém, ser mulher é um obstáculo para aquela que pretende se estabelecer no campo das ideias e das letras. A maior parte de *Queixa* é dedicada às dificuldades encontradas pelas mulheres nos debates e disputas orais (as *conférences*); a obra trata também, ao final, dos obstáculos à aceitação delas mundo das letras. Pobres daquelas que ousam abandonar a roca de fiar e usar a pena ou a voz. Gournay sabe bem do que está falando.

A *Queixa*, porém, não é uma lamúria, pelo contrário, é um combate. Gournay descreve, de um modo caricatural e teatral, as estratégias masculinas para vencer as mulheres nos debates e no mundo literário. Ao fazê-lo, a autora expõe seus adversários ao ridículo, mostrando a incompetência intelectual (*insuffisance*) e a fraqueza moral deles, figurada essa última sobretudo na covardia e na presunção. Nas palavras de Perona (2024, p. 253), Marie de Gournay denuncia “a violência de uma presunção que exclui, e de uma presunção em particular, aquela dos homens que não autorizam às mulheres uma palavra erudita ou filosófica”.

Salta aos olhos de quem lê *Queixa das Damas* que o texto desdobra, no que toca às mulheres, o que Montaigne escreve em “De l’art de conférer” (“Da arte de debater”⁹), o importante capítulo 8 do livro III dos *Ensaios*. A própria autora o declara: “Estas três palavras sejam ditas sobre a *conférence*, no que toca especialmente às damas, pois da arte de debater em geral, e de suas perfeições e defeitos, os *Ensaios* tratam à excelência” (Gournay, *OC*, 1077). Além do capítulo dos *Ensaios* referido acima, encontramos também citações ou referências a “Da educação das crianças” (*Ensaios* I, 26).¹⁰

Em um debate verdadeiro, tal como idealizado por Montaigne, vence quem apresenta os melhores argumentos, mas todos os envolvidos ganham se um tema é esclarecido. Nele não contam o prestígio social, a riqueza ou a erudição do participante, mas se ele sabe pensar e conduzir bem um assunto. Uma boa discussão requer pessoas não apenas intelectualmente fortes, mas também virtuosas, pois não se deixam levar pela vaidade ou pela obstinação, ao contrário daquelas que querem ganhar a todo custo.

Como Montaigne, Gournay descreve a *conférence* como uma luta, um combate entre espíritos cuja finalidade é chegar à verdade, diferentemente das lutas físicas que apenas pretendem derrubar o opositor. Lemos nos *Ensaios*:

“Se converso com uma alma forte e um *lutador rijo*, ele me *assalta os flancos, espicaça-me à direita e à esquerda*, suas ideias acirram as minhas. A rivalidade, a ambição, a contenda impulsionam-me e me alçam acima de mim mesmo” (III, 8, 206 – grifos nossos)

Também como ele, ela é obcecada pela figura do “tolo” (*sot*), aquela pessoa que torna impossível o debate, por falta de competência (*suffisance*), seja intelectual, seja moral. Tulos são os pedantes (que confundem conhecimento com erudição), os vaidosos (que não suportam perder um debate), os obstinados ou dogmáticos (*ignorantes*), os que confundem competência intelectual com poder e posição social (a própria ou a de outro), os que são intelectualmente fracos (incapazes de desenvolver um tema qualquer), e assim por diante, podendo haver diversas combinações dessas lamentáveis qualidades. Para Montaigne, a tolice tem uma característica ainda mais perigosa: ela é contagiosa, e ele confessa tornar-se um tolo quando se irrita com a

⁹ “Conférence” tem sido habitualmente traduzido para o português como “conversação”. Na nossa opinião, os termos “debate” ou “discussão” expressam melhor o sentido do original em francês, pois a “conférence” é um debate de ideias, não uma conversa social informal.

¹⁰ Os *Ensaios* de Montaigne serão citados e referidos a partir da tradução para o português de Rosemary Costhek Abílio (2000). O número em romanos indica o livro, o primeiro número em árabe refere-se ao capítulo e o segundo à página da referida edição.

tolice alheia, perdendo assim, ele mesmo, a compostura e, muitas vezes, a boa-fé num debate (III, 8, 206).¹¹ Os tolos corrompem as bases dos debates, voluntaria ou involuntariamente; quando o fazem não simplesmente por inépcia, mas por malícia, utilizam-se de estratégias as quais poderíamos chamar de “golpes baixos”. Algumas estratégias dos tolos listadas por Montaigne podem ser assim resumidas:

- 1) Não conseguir lidar com objeções, de duas maneiras: a) reagem contra-argumentando, sem nem mesmo escutar a objeção: “a cada oposição, não olhamos se ela é justa, mas sim como nos livraremos dela” (III, 8, 207); b) o erro oposto é ter uma “sensibilidade melindrosa” e evitar o confronto, temendo de ser objeto de desdém: “Os homens de meu tempo não têm ânimo para corrigir porque não têm ânimo para serem corrigidos” (III, 8, 209). Ou, colocado de forma mais ampla, fugir da luta: “Outro, achando-se fraco de lombo, foge de tudo, rejeita tudo, desde o início embaralha o assunto; ou, no auge do combate, amotina-se, fazendo-se totalmente rasteiro – por uma ignorância despeitada, afetando um orgulhoso menosprezo ou uma fuga tolamente modesta da luta” (III, 8, 211).
- 2) Desviar o assunto, perder a “ordem”, tornando a discussão confusa: “o que acontecerá no final? Um vai para o oriente, o outro para o ocidente; eles perdem o principal e o dispersam na infinidade de incidentes (III, 8, 211).
- 3) Falar alto: “Aquele utiliza apenas a superioridade de sua voz e de seus pulmões” (III, 8, 211).
- 4) Apelar à erudição e à retórica vazias: “Esse último nada vê na razão, mas vos mantém sitiado entre os muros dialéticos de suas frases e entre as fórmulas de sua arte” (III, 8, 211). Montaigne marca a distinção entre o “saber” (o conhecimento que pode ser apenas um adorno numa mente incapaz, que qualifica o *savant* ou erudito) e a sabedoria (o conhecimento assimilado e que frutifica, *a sagesse*).

¹¹ Esse momento reflexivo do capítulo de Montaigne é essencial, como de resto nos *Ensaios* como um todo pois, segundo o próprio autor, ele pretende falar não das coisas, mas de si (*Ensaios* II, 10, 114). Sobre a centralidade da tolice em “Da arte de debater” ver B. Perona, 2024 e Y. Delègue, 2003. Para uma descrição precisa das regras para a condução de um bom debate segundo Montaigne, ver Sève, B. 2007, p. 241.

A tolice impera pois o verdadeiro conhecimento é um bem raro, que diz respeito a poucas pessoas, aquelas capazes de exercer seu julgamento, sendo “o “vulgo” guiado por preconceitos de diversas origens.¹²

Gournay pressupõe que seus leitores estejam familiarizados com os *Ensaios*, sua linguagem e seus valores e sua *Queixa* retoma, em seus fundamentos, a concepção de debate de Montaigne. Embora ela afirme o contrário, *Queixa das Damas* não é mero acréscimo ao já dito por seu mestre. Nas “três palavras” que ela declara acrescentar a “Da arte de conversar”, ela dá um passo que pode ser considerado antimontaigniano. Ao excluir o fato de “portar uma barba”, ou a masculinidade, da lista de qualidades que devem ser consideradas quando de um debate, ela explicita um não dito em “De l’art de conférer”. De fato, o ambiente do debate montaigniano é exclusivamente masculino e a ausência de figuras femininas permanece impensada. Além disso, quando se ocupa do tema “mulheres” em outros lugares dos *Ensaios*, seu autor explicita que não considera razoável que uma dama se instrua em conhecimentos de retórica e entre em debates intelectuais.¹³ Enfim, não se disputa com uma dama. Com elas apenas se “conversa”, principalmente porque o debate só pode se dar entre iguais, sendo a desigualdade entre os sexos pouco questionada, quando não explicitamente afirmada nos *Ensaios*.¹⁴ Ao defender que o espírito capaz de julgar iguala mulheres e homens e, portanto, que não há motivo justo para excluí-las de uma *conférence*, Gournay desestabiliza importantes crenças do senso comum, inclusive as expressas por seu pai adotivo.¹⁵ Em outras palavras: se paramentos, títulos de nobreza, riqueza ou a erudição são, segundo Montaigne e outros sábios, qualidades irrelevantes quando se avalia a força do espírito de um homem, também não haveria razão, infere ela, de fundar diferenças espirituais no sexo da pessoa.

¹² O saber, para Montaigne, é “coisa de qualidade mais ou menos indiferente; acessório muito útil para uma alma bem-nascida; pernicioso para uma outra alma; e danoso [...] um cetro nas mãos de alguns, em uma outra, um bastão de bobo” (III, 8, 213).

¹³ Ver acima nota 6.

¹⁴ Em artigo de nossa autoria observamos que, em “De três relacionamentos” (III, 3, 53-55), Montaigne reserva o termo “*conférence*” para os debates entre homens; já “*conversation*” é usado para todas as situações. Com as mulheres se conversa, de forma amena e agradável. Ele afirma que as relações entre homens e mulheres envolvem o corpo, o que prejudica o debate intelectual, e particularmente em seu caso, pois ele se declara muito sensível aos apelos do corpo. A referência à experiência pessoal do autor com as mulheres é importante aqui poderia relativizar a força de suas restrições à capacidade feminina de debater; agradeço a José Raimundo Maia Neto por essa observação. Já a relação entre homens implica apenas as almas, tornando possível o confronto de ideias. Em outras passagens dos *Ensaios*, Montaigne sugere que o intelecto das mulheres é afetado negativamente por processos corporais, como a gestação, sendo essa, a nosso ver, uma crença que ele compartilha com o “vulgo” de seu tempo. Sobre esse tema ver Birchall, T. 2024.

¹⁵ Se não o faz em *Queixa*, em *Da Igualdade* Gournay exige de Montaigne uma revisão de seus preconceitos sobre as mulheres.

Em sua *Queixa*, Gournay identifica as estratégias ou, poderíamos dizer, os golpes baixos utilizados por homens para vencer as damas quando elas entram (ou tentam entrar) em um debate. Com uma escrita bem sintética, ela reúne as estratégias gênero-específicas que visam sobretudo ocultar a fraqueza intelectual dos primeiros ao enfrentarem competidoras competentes, preservando assim a sua já suposta superioridade:

- 1) ridicularizá-las pelo desprezo mudo ou pelo riso:

“Tivessem as mulheres as razões e as meditações de Carnéades, não haveria alguém tão fraco/idiota (*chétif*) que não possa repeli-las, com a aprovação da maior parte dos assistentes, quando, com um sorriso apenas, ou um pequeno movimento de cabeça, sua eloquência muda diz: ‘é uma mulher que fala’”. Já outro, sentindo um golpe proferido por uma mulher, “[...] para fugir dele transforma o discurso em risada”

- 2) qualificar de “teimosia” toda oposição que uma mulher faça à opinião de um homem, confiando na força da crença de que a obstinação é constitutiva do caráter feminino¹⁶.
- 3) temendo uma derrota, interromper o debate, alegando que seria falta de “cavalheirismo” entrar em confronto com uma dama. Aquele que o faz – observa Gournay – é considerado, ao mesmo tempo, “vitorioso e cortês”¹⁷.
- 4) ter uma barba: “este, dizendo trinta tolices, levará, no entanto, o prêmio por sua barba”. (Gournay, OC 1075- 1076).

Os “vulgares” seguem o senso comum e acreditam na incapacidade feminina. Mas há aqueles poucos que, mesmo tendo opinião própria e reconhecendo a competência intelectual de uma dama, dão maior peso ao que pensa a maioria e recusam debater com ela porque isso não “cairia bem” aos olhos do vulgo. Ganham a aprovação do público e se tornam vulgares e tolos eles mesmos, julga afiadamente Gournay.

Estratégias já denunciadas por Montaigne no contexto puramente masculino são também invocadas em *Queixa das Damas*, como: fazer “querelle d’Allemand” (tornar a discussão fútil ou vazia), bajular uma pessoa importante, desviar o rumo da discussão, usar de ironias, apelar para a erudição, entre outras. No entanto, ela insiste, mais do que ele, que elas são sobretudo estratégias conscientes de *fuga*, e não mera inépcia, pois está em jogo evitar o confronto com uma mulher: “Assim, para levar o prêmio, basta a esses senhores esquivarem-se do debate,

¹⁶ No capítulo “Da Afeição dos pais pelos filhos”, lemos: “As mulheres têm uma tendência natural a discordar de seus maridos” (*Ensaios* II, 8, 94).

¹⁷ Montaigne teria sido bem retratado na figura deste “cavalheiro” cujas regras proíbem considerar uma dama como oponente num debate.

podendo ganhar tanta glória quanto economizam trabalho” (Gournay, OC, 1077). Como ele, ela observa que tolos e vulgares contam com o apoio de seus semelhantes, pois não suportam o confronto com alguém mais competente que eles; o que muda é que, no caso de uma mulher, a audiência inteira se une para silenciá-la.

Blandine Perona lê *Queixa das damas* pelo viés do poder e observa que a tolice é, em si mesma, uma espécie de tirania que favorece acordos de submissão com ganhos mútuos (2024, 259).¹⁸ Retomando os termos de La Boétie, ela assinala que o ensaio de Gournay acentua a “servidão voluntária” em curso nos debates, pois os menos poderosos se submetem aos mais poderosos, bajulando-os e aplaudindo-os em qualquer circunstância, e sobretudo quando manifestam desdém por uma mulher:

“Marie de Gournay dá toda amplidão ao alcance do capítulo “*De l’art de conférer*”, mostrando que ele permite explorar os estragos provocados pela palavra desonesta: o reverso do uso livre e franco da palavra, própria à arte de debater à qual aspira Montaigne, é uma maneira de falar que procede de uma cegueira sobre si e sobre os outros, de uma servidão voluntária que tiraniza tanto o sujeito que fala quanto as pessoas às quais ele se dirige” (Perona, 2024, p. 252).

Se, ao criticar a submissão do julgamento a interesses, Montaigne tem em vista sobretudo as perdas para o debate em si, Gournay explicita o interesse dos homens na opressão das mulheres, que são, todas as contas feitas, as maiores perdedoras.

Passando, ao final do seu opúsculo, para o mundo das letras, ela se volta para o modo como obras de autoria feminina costumam ser recebidas. *Queixa das damas* espelha a estrutura “Da arte de debater”, pois o capítulo de Montaigne também se encerra passando do debate oral aos livros, com um breve discurso sobre sua apreciação de dois autores e suas obras. Mas enquanto o autor dos *Ensaios* emite um julgamento fundado em sua leitura de Philippe de Commines e de Tácito, Gournay assinala que, em relação às autoras, a estratégia principal dos homens é desconhecê-las: suas obras são ignoradas. Os homens, mesmo alguns autores de renome, não se dão ao trabalho de lê-las, e as menosprezam sem conhecimento de seu mérito. Do que ela conclui, entre outras farpas: “Isso me faz suspeitar que, ao ler os escritos dos próprios homens, eles enxergam mais claro na anatomia das suas barbas do que na de suas razões” (Gournay, OC, p.1077).

¹⁸ Tema presente em “Da arte de debater: “Detesto qualquer espécie de tirania, tanto a de palavras quanto a efetiva” (*Ensaios* III, 8, 218). Ver também III, 8 ,224.

A escritora polemiza com o gosto literário de seu tempo e, sem dar nomes, afirma que autores medíocres são celebrados e os bons, desconsiderados, recomendando a alguns que parem de publicar para deixar dúvidas sobre sua incapacidade. Em uma menção explícita a “Da Educação das Crianças”, ela repreende autores que repousam sua obra sobre a simples erudição, sem oferecer nada de próprio. Segundo ela, os que alardeiam a incapacidade feminina são escritores incompetentes, mas que alçam fama justamente por construírem sua superioridade sobre a difamação e, sobretudo, sobre uma enorme presunção. Para reforçar seu ponto, ela encerra o opúsculo citando Montaigne: “[...] é próprio dos incompetentes (*mal-habiles*) viverem contentes com suas capacidades, olhando as dos outros por cima dos ombros” (Gournay, OC 1079-1080)¹⁹. Montaigne dedica todo um capítulo dos *Ensaios* à presunção, definida como “uma opinião excessivamente boa que concebemos de nosso valor” e se pergunta se cai em tal vício, especialmente por se dedicar a falar de si mesmo. Do lado oposto à presunção, está o erro de se considerar “menos do que é”. (*Ensaios*, II, 17, 449). Reconhecemos aqui a discussão aristotélica sobre a estima de si, que deve seguir uma justa medida, um meio termo entre a presunção e a autodepreciação. A presunção se torna, sob a descrição de Gournay, um vício endêmico ao sexo masculino, dado o costume de valorizar, sem mais, o fato de ter uma barba.

Um ponto extremamente importante, e que marca uma diferença fundamental entre a *Queixa* e “Da arte de debater” está na ausência (que indica uma recusa) do momento reflexivo, tão central no referido capítulo *Ensaios*, no qual o autor se pergunta por sua própria tolice e se reconhece, ele mesmo, como um tolo, pois se irrita com a tolice alheia. Gournay, ao contrário, não faz incidir essa questão sobre si mesma, e ataca, sem reservas, os tolos, que são sempre os outros. De fato, pensamos nós, ela está justificada em não fazer esse movimento de reflexão e autoanálise. Primeiramente, porque todo seu esforço deve se concentrar em sair do lugar de “tola” ou de incapaz, no qual foi colocada, ela e as outras mulheres, por seu contexto social. Sua tarefa imediata é a de conseguir entrar no debate, de ser reconhecida como interlocutora. A reflexão caberia num momento segundo e derivado, como é o de Montaigne, cujas condições de participação na *conférence* já estão garantidas. Uma segunda razão, dado que a tolice é filha ou irmã da presunção, reside no fato de que a presunção não poderia ser um vício endêmico no sexo feminino, pelo menos não no contexto de Gournay. Pelo contrário, as mulheres têm que refletir para lutar contra a autodepreciação, este seria o problema delas. Enfim, a questão “seria eu uma tola?” não é um tema para Gournay, como o é para seu pai adotivo, e nem poderia ser.

¹⁹ Ver *Ensaios* III, 8,228.

Já basta o que dizem os outros, eles sim tolos, sobre ela e outras mulheres, puramente por preconceito.

Em *Queixa das Damas*, o “comum” é definido como uma “besta de muitas cabeças” (Gournay, OC, 1077). Também a misoginia pode ter muitas formas – a covardia, a presunção, a indiferença, a ignorância e o interesse – todas elas subsumíveis no qualificativo amplo “tolice”. Tolos são os que, ao fim e ao cabo, confundem sabedoria com erudição, poder, riqueza e – acrescenta ela ao já dito por Montaigne – com o fato de a pessoa “portar uma barba”.

Conclusões: apagamento e ressurgimento de Marie de Gournay

Queixa das Damas é um protesto escrito no calor da hora, por uma mulher que fala e escreve, e sente as consequências desses atos de transgressão. Para quem escreve ela, ou antes, diante de qual tribunal ela deposita sua denúncia? Por um lado, o tribunal destinatário de sua queixa seria o da razão, representado por grandes sábios de todos os tempos os quais, acredita ela, sempre afirmaram a dignidade das mulheres. Por outro, e levando em conta o início do ensaio, a autora parece se dirigir a um pequeno círculo de homens seus contemporâneos (os “bem-aventurados” por não terem nascido mulheres), os quais talvez não confundam sabedoria com barba. Cabe lembrar que Gournay encontrou interlocutores e a qualidade de sua escrita foi reconhecida por importantes intelectuais durante sua vida, juntamente com a difamação da qual foi vítima por parte de outros. Tudo isso considerado, o fato é que Gournay não encontrou, em seu público leitor imediato, quem fizesse ressoar sua queixa, e talvez ela mesma não o esperasse, consciente que era dos mecanismos de opressão, para umas, e de servidão voluntária, para outros. Perona (2024, p. 264) acentua, com outras intérpretes, que ela escreve para existir simplesmente, como estratégia de sobrevivência e afirmação de si, pois, ao fazê-lo, não só acusa os mecanismos de dominação sobre as mulheres, mas também recusa ser engolida por eles. No caso “dizer é fazer”.²⁰

Nas décadas subsequentes à sua morte, os traços de sua obra como um todo desaparecem rapidamente. Para além do apagamento já esperado pelo fato de serem textos de uma mulher, estudosos e estudiosas de Gournay admitem que houve um descompasso entre algumas posições defendidas por ela e o pensamento dominante no círculo literário francês, o que contribuiu para a crítica e o esquecimento de sua obra a partir do século XVII (Gournay, 2002b,

²⁰ Lembrando assim o título do livro de J. L. Austin, *Quando dizer é fazer* (How to do things with words, 1962).

p. 17). Sua intransigência na defesa dos poetas da Pléiade e dos *Ensaios* de Montaigne—considerados antiquados num caso ou confusos, no outro, para os padrões literários dos anos seiscentos—lhe renderam problemas ainda em vida. De fato, Gournay defendia ideias que iam na contramão do movimento que vai constituir a modernidade, tanto em relação à língua francesa quanto em assuntos políticos, tendo ela se oposto ao absolutismo que se desenhava, apesar de nunca questionar a monarquia como regime. Sua veneração pela cultura antiga na forma do humanismo renascentista não foi favorável ao destino de sua obra num contexto em que a filosofia lutava por libertar-se do peso da tradição. No entanto, do ponto de vista contemporâneo que é o nosso, parte de sua obra adquire novo frescor como crítica aos paradigmas rígidos da modernidade (por exemplo, a defesa de uma linguagem mais flexível, ao modo de Montaigne), assim como por avançar uma concepção de ser humano no qual a educação e os costumes são centrais, ao invés de acentuar uma visão naturalista e científica, que será em grande parte a dos sec. XVII e XVIII.

Se considerarmos que pouca coisa muda na França, no tocante à condição feminina, entre Gournay e Olympe de Gouges, ou seja entre o final do XVI e o final do XVIII, e mesmo no séc. XIX, entende-se que o grande interesse na obra de Gournay só tenha acontecido no século XX, com a emergência dos movimentos feministas, no contexto de trazer à luz obras escritas por mulheres filósofas e capitaneado sobretudo por seus escritos em defesa das mulheres. Como observamos no início deste artigo, a edição crítica de suas obras completas foi publicada em 2002; quanto às traduções, elas se concentram em seus textos protofeminista ou similares, tanto em inglês quanto em português.²¹ O século XXI trouxe os estudos biográficos e críticos detalhados, como os de Fogel (2004) e Krier (2023).

Concluiremos retomando o paradoxo anunciado no início deste artigo: a obra de Gournay foi redescoberta e revalorizada no contexto dos movimentos feministas, pelo seu viés de gênero, sendo que a autora defende firmemente o caráter não gênero-específico da filosofia em geral e de seu próprio pensamento em particular, ou seja: que na esfera da razão não faz diferença ter

²¹ *Igualdade dos Homens e das Mulheres* e *Queixa das Damas* foram traduzidos pela primeira vez para o inglês em 1987 por Eva M. Sartori e em 1989 por Maja Bijvoet. (Gournay, 2002b, p. 19-20). Hillman e Quesnel publicaram, em 1998, uma tradução do *Prefácio aos Ensaios de Montaigne de 1595* e, em 2002, as traduções de *Passeio com o Sr. de Montaigne*, *A Igualdade dos Homens e das Mulheres*, *Queixa das Damas* e *Apologia daquela que escreve*. No Brasil, temos a tradução de *Igualdade dos Homens e das Mulheres*, de Pedro Muniz, publicada na coletânea *Arqueofeminismo* (ROVÈRE, 2002) e de *Queixa das Damas*, por Cinelli Tardioli e Martha Tremblay-Vilao na Revista Outramargem, 2018 (disponível online).

ou não ter barba. Esse imbróglio não se desfaz sem uma perspectiva histórica que permitiria assinalar a distância entre o mundo dela e o nosso, que não é o caso desenvolver aqui.

Diremos apenas que seu trabalho em *Queixa* é sobretudo o de desvincular a filosofia da masculinidade, colocando-a num lugar que Gournay acredita ser neutro e que pode acolher mulheres e homens. Esse lugar permitiria distinguir entre um homem sábio e outro tolo, assim como distinguir entre uma mulher sábia e outra tola, ressaltando as diferenças entre indivíduos ao invés de entre sexos. “Apagar” as diferenças entre corpos foi um passo necessário às primeiras pensadoras ao pretenderam conquistar espaço na esfera pública, abrindo-o para as que vieram depois; não obstante, estamos ainda calculando o preço pago por isso. Entre Gournay e nós, um longo caminho de lutas e de reflexão feministas nos permitiu não assimilar *diferenças e desigualdade*, coisa ainda impossível no século XVII, sendo então a estratégia gournaiana de apagar barbas e úteros plenamente racional.

Se com certeza Marie de Gournay não gostaria de ser lida pelo fato de ser mulher, é também certo que ela exigiu ser reconhecida pelo fato de escrever com pertinência sobre muitos assuntos, inclusive sobre as mulheres, inscrevendo-se assim, sem aceitar restrições, na lista dos grandes sábios que, segundo ela, souberam reconhecer a dignidade do sexo feminino. Sua lista, que vai de Sócrates a Montaigne, passando por Sêneca, Plutarco e os autores sagrados, não estaria completa sem os nomes de Diotima, Aspásia, Hipátia de Alexandria, Cornélia e Anne Marie de Schurman, que constam, entre os de outras sábias, em *Da Igualdade entre homens e mulheres*.

Bibliografia

BIRCHAL, T. (2024). Quand le lecteur des *Essais* est une lectrice. *Montaigne Studies: an Interdisciplinary Forum*, v. 36, p. 9-22.

_____. (2020). When women are the issue, is Montaigne still thinking the social?. In Balsamo, J.; Graves, A. (Org.). *Global Montaigne: Hommage en l'honneur de Philippe Desan*. (p. 279-292). 1ed. Paris: Classiques Garnier.

DESAN, Ph. (2014). *Montaigne, une biographie politique*. Paris: Odile Jacob.

_____. (1997). Marie de Gournay et le travail éditorial des *Essais* entre 1595 et 1635: idéologie et stratégies textuelles. In Tetel, M. (Org.), *Montaigne et Marie de Gournay* (p. 79-103), Paris : Classiques Garnier.

FOGEL, M. (2004). *Marie de Gournay. Itinéraires d'une femme savante*. Paris: Fayard.

GIBSON, J. (1989). Educating for silence: Renaissance Women and the Language Arts. *Hypatia*, v.4, n.1, The History of Women in Philosophy, p.9-27.

FRANCHETTI, A. L. (2006). *L'Ombre Discourante de Marie de Gournay*. Paris: Garnier.

GOURNAY, M. (2002a). *Œuvres Complètes (OC)*, Edição de Arnould, L.-C, Berrior Salvadore, E., Blum, C., Franchetti, A. L., Thomine, M.-C. & Worth-Stylianou, V. Paris: Classiques Garnier, 2 vol.

_____. (2002b). *Apology for the Woman Writing and other works*. Edição e tradução de Richard Hilmman and Collette Quesnell. Chicago e Londres: The University of Chicago Press.

_____. *Queixa das Damas*. (2018). Tradução Cinelli Tardioli Mesquita e Martha Tremblay-Vilao. Outramargem: revista de filosofia, Belo Horizonte, n. 8, p. 332 – 336.

_____. (2019). *Igualdade entre homens e mulheres* (1622). Tradução Pedro Muniz. In Rovère, M. (Org.). *Arqueofeminismo. Mulheres Filósofas e Filósofos Feministas Séculos XVII-XVIII*, (p. 27-44) São Paulo, n-1 edições, 2019,

HILLMAN, R. (2002). Introduction to *The Ladie's Complaint*. In Gournay, M. *Apology for the Woman Writing and other works* (p.96-100). Edição e tradução de Richard Hilmman, e Collette Quesnell. Chicago e Londres: The University of Chicago Press.

KRIER, I. (2023). *Marie de Gournay, philosophe moral et politique à l'aube du XVIIème siècle*. Paris : Classiques Garnier.

MILLET, O (1996), Les préfaces et le rôle de Marie de Gournay dans la première réception des *Essais*. *Bulletin de la Société des amis de Montaigne Série VIII*, n.1 - 2 - 3), p. 79-91.

MONTAIGNE, M. *Os Ensaios*. (2000). Tradução de Rosemary Costhek Abílio, São Paulo: Martins Fontes. 3 vol.

OFFEN, K. (2017). *The Woman Question in France, 1400-1870*. Cambridge; Cambridge University Press, 2017.

PERONA, B (2024). “De l’ar de conférer” selon Marie de Gournay. Une traduction philosophique et féminine de Montaigne. In Desan, Ph. E Dotoli, G. *Montaigne et ses traducteurs*, p. 250-254, Paris: Classiques Garnier.

SEVE, B. (2007). *Montaigne, des règles pour l'esprit*. Paris : PUF.